
MARTA CEZARIA DE OLIVEIRA E A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS EM GOIÂNIA

Entrevistadorxs

Maria Elisa de Magalhães Santos

<mariaelisamagalhaes01@gmail.com>

Mestranda em História pela UFG-Goiânia

<http://lattes.cnpq.br/7572198513328078>

Euzebio Fernandes de Carvalho

<euzebiocarvalho@gmail.com>

Prof. na Universidade Estadual de Goiás, no câmpus Cora Coralina (Cidade de Goiás)

<http://lattes.cnpq.br/7307117258225181>

APRESENTAÇÃO

A trajetória de Marta Cezaria (1956) se confunde com a história da organização das mulheres negras no município de Goiânia. Nessa cidade, ela se construiu como uma carismática líder comunitária. Congrega ao seu redor, outras importantes mulheres negras, de diferentes gerações e pertencimentos sociais. Como referência, transita por vários espaços: na academia onde se formou professora de biologia (1997) e atualmente profere várias palestras e cursos; nos territórios do cristianismo, primeiro na tradição protestante e depois na católica, onde, em 1982, tornou-se freira na Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Ainda na igreja, atuou nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e na Pastoral do Negro. Na década de 1990, intensificou sua atuação como líder negra. Em 1998, fundou a Malunga e em 2002 a Dandara (Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado), pelo qual desenvolve várias ações educativas de fortalecimento da História, da Identidade e do empoderamento econômico e político da população negra no Estado de Goiás. No alto de seus 60 anos, é uma das mais influentes mulheres negras no Estado de Goiás, inscrevendo-nos na tradição afro-brasileira que reconhece em suas experientes mulheres poderosas líderes comunitárias, autoridades políticas e grandes referências afetivas.

O texto que se segue é constituído por duas partes. A primeira é autobiográfica. Marta Cezária, por e-mail, superando todas as dificuldades de agenda requisitada e até de saúde, escreveu e si inscreveu na escrita, contando um pouco de sua rica história. A segunda parte é uma entrevista, concedida à então licencianda em História, Maria Elisa de Magalhães Santos.¹

¹ Entrevista concebida dia 12 de setembro de 2015 para realização do trabalho monográfico *A ONG Dandara no Cerrado: o protagonismo das mulheres negras em Goiânia (2002-2012)* / Maria Elisa de Magalhães Santos. Defendido em novembro de 2015, no curso de História da Universidade Estadual de Goiás, câmpus Cora Coralina (Cidade de Goiás), sob orientação do professor Euzebio Fernandes de Carvalho.



MARTA CEZARIA DE OLIVEIRA, POR ELA MESMA

Fui professora do Ensino Fundamental; fortaleci os grupos nas pastorais sociais (Pastoral do Negro, da Mulher), Agentes de Pastoral Negros, Grupo de Religiosos e Religiosas Negros e Indígenas, Fórum de Entidades Negras de Goiás, Fórum Goiano de Mulheres, dentre os quais: Fundação do Grupo de Mulheres Negras Malunga, Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado; na Associação de Agricultura Orgânica de Goiás, e no fortalecimento da Associação das Comunidades Quilombolas, Fórum de Estadual de Mulheres Negras, Fórum Nacional de Mulheres Negras.

Nasci em 4 de fevereiro de 1956, numa fazenda chamada Pedra Branca, na beira do Rio Claro (Cachoeira Alta – GO. Fui registrada acredito que por volta de 7 anos, depois, na cidade de Caçu – GO, onde vivi 24 anos. O registro foi em lote. Meu Pai foi ao Cartório e levou o nome das cinco filhas para registrar, pois a escola exigia o documento de nascimento. Nesta época lembro que eu já assinava meu nome Marta Teixeira de Oliveira e ao ser registrada veio com outro nome Marta Cezaria de Oliveira. Daí eu tive que aprender a escutar este nome. Também, a nova professora não me deixava escrever com a mão esquerda e com isso eu apanhei muito na mão para mudar o hábito. Algumas vezes, eu me assustava tanto com a régua, que quase caía da carteira. Estudei o primário, ginásio e 2º grau na Escola Municipal de Caçu. Fiz vestibular em Ciências na FECLISF² em Formosa – GO, onde estudei Ciências por 3 anos. Transferi para Goiânia onde cursei Biologia na Universidade Católica de Goiás³ e sou Bacharel e Licenciada em Biologia pela Universidade Católica de Goiás [Concluído em 1997]. Meus pais são mineiros: Mamãe, Conceição Teixeira de Oliveira, nasceu em Rifânia – MG e mudou depois para Miguelópolis – SP e papai, Sebastião Cesário de Oliveira, nasceu em Rio Piracicaba – MG. Mudou para Divinópolis-MG.

² A Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Formosa foi criada pelo Decreto Estadual n. 2.519, de 30 de outubro de 1985. A instituição era jurisdicionada à Secretaria Estadual de Educação e oferecia 4 cursos de licenciatura: Ciências, Geografia, História e Letras. Em 1986, passou a se chamar Faculdade de Educação, Ciências e Letras Ilmosa Saad Fayad (FECLISF). A Lei Estadual n. 13.456, de 16 de abril de 1999, criou a Universidade Estadual de Goiás (UEG) e transformou a FECLISF em uma de suas Unidades Universitárias. Em 2000, houve a criação dos cursos de Pedagogia, Matemática e Química, enquanto o curso de Ciências foi encerrado. Disponível em: http://www.formosa.ueg.br/conteudo/3894_historiaxfeclisfxueg. Acessado em 16/07/2016.

³ Atual Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Com 14 anos ele e meu Tio Dozinho (José Antonio de Oliveira) foram para a Região do Rio de Janeiro, [depois] São Paulo e por lá encontraram mamãe, casaram às pressas e vieram para Goiás em um pau de arara trabalhar na lavoura e com gado em fazendas da região de Quirinópolis- GO, chegando até Caçu-GO. Vieram mais ou menos 5 famílias nesta mudança. Essa por muitos anos foi a nossa família. Minha infância foi muito pobre, mas me divertia muito com minhas irmãs: Loide Cesária de Oliveira e Ester Cezária de Oliveira. Também havia os filhos e filhas da Irmã Nega, Irmã Luca, do Tio Dozinho, da Irmã Zilda... Essas famílias todas eram evangélicas da Assembleia de Deus. Esse foi o meu mundo de criança. Criada na roça, com os pais trabalhando como meeiros e cuidando do gado do patrão. Morava perto do rio Claro, em outra fazenda, isto já em Caçu. Pois onde nasci, morei pouco tempo. Vovó Regina, mãe do papai, faleceu quando eu tinha 6 meses. Ela morreu me carregando nos braços. Meu pai me jogou pro lado na areia perto do rio para acudir vovó. Nós mudamos logo depois disso, pois meu pai sentia muita tristeza pela morte da mãe. Nessa fazenda, moramos bastante tempo. Me lembro que saímos de lá para mudar para Caçu-GO. Quando morava nesta fazenda, gostava muito de ir todas as manhãs no curral levar o balde para o tirador de leite das vacas. Ganhava um caneca de leite com espuma. Um belo dia, o filho do dono da fazenda não me deu o leite e ainda brigou comigo. Eu fiquei muito triste, com o olho cumprido, só olhando para ele quando minha mãe me gritou chamando pra dentro de casa. Eu fui e fiquei muito triste e daí fiquei fraca e muito magra. Minha mãe disse que eu tinha ficado aguada, por falta do leite que o homem havia ridicado pra mim. Com o tempo, me recuperei e ia todos os dias para a roça com meus pais (com a enxada que eu havia ganhado do papai). Nestas idas e vindas, para a roça sempre encontrava muitas cobras, especialmente cascavel. Um senhor viu uma e foi matar com minha enxada e quebrou o seu cabo. Chorei bastante, pois tinha outras enxadas e ele pegou a minha.

RELIGIÃO

Aos domingos sempre ia à igreja quando dava e meu pai sempre me carregava no pescoço, a Loide ia caminhando e mamãe [carregando a] Ester. Um dia, quando o cavalo Parobá já tinha ficado velho, meu pai me deu ele de presente, pois eu adorava montar neste cavalo. Ele era branco e serviu muitas vezes para levar papai à cidade para fazer compras. Ele já sabia o caminho de cor. Papai podia estar bêbado do jeito que fosse que eles chegavam em casa. Minha mãe, desde que veio para Goiás, virou evangélica da Assembleia de Deus. Antes ela era espírita e sempre foi

uma mulher de muita fé. Tinha o Dom da Cura e ajudou muitas pessoas com suas orações. Já meu pai não tinha religião. Eu nasci, portanto nesta religião. Iniciei minha vida cristã na Assembleia de Deus, que ainda é o núcleo da fé de minha mãe e minha irmã Ester. Eu deixei a igreja em 1974, pois não consigo conviver com mentiras e queria me por a prova por algo que não era verdade e eu não aceitei e fui embora da igreja e não voltei mais. Em 1978, fui despertada para a Igreja Católica e dei os meus primeiros passos.

TRABALHO

Em 1962, aos 6 anos eu fui trabalhar de babá em outra fazenda onde cuidava do Lazaro e do Lindomar. Fiquei nesta casa morando, só recebia comida e roupa. [Depois que] o patrão mudou para Uberlândia- MG, [tivemos muitas dificuldades com o seu] filho, [pois] ele era muito mau. Então as [outras] famílias e papai resolveram vir para a cidade de mudança. Então, vi o caminhão da mudança passando e eu não podia nem ir despedir deles. Só fui avisada que eles mudariam e que quando eu completasse sete anos eu iria para a cidade estudar e esta família me levaria até eles. Acreditei. Quando completei 7 anos, fui morar na cidade e só [ia para a fazenda] nas férias, [mas] ai os meninos já havia crescidos. Vinha para brincar e ajudar a Dina, [sua] mãe. Em 1964, ao chegar à cidade, nossa casa era de pau a pique e capim, muito pobre e de chão batido, [localizada] no final da cidade, ao lado de um cabaré. Não havia, em minha casa, quase nada para comer. [Foi um] tempo de muita fome e saudade da roça. Mamãe lavando roupa para os outros e papai trabalhando de chapa ou furando cisterna. Eu fui trabalhar de babá na casa da Zeca para cuidar de três crianças e ajudar a arrumar a casa. Ela me pagava uma quantia, mas não me lembro o valor, era pouco dinheiro. Mesmo assim, dava tudo para a mamãe comprar comida para as minhas irmãs que ficavam em casa, pois eu comia e dormia no serviço. Como era muito boa no trabalho e as crianças muito apegadas a mim eu era tratada como sendo da família. Em 1970, por causa da bebida do meu pai, ele brigou com a Zeca e me tirou do emprego. Dizia [ele]: “sou o pai e ela trabalha onde eu quero”. Daí fui trabalhar com a irmã dela (Joana D’Arc) que havia acabado de casar e tinha muito medo de ficar sozinha em casa. Trabalhei como doméstica na casa da família do Sr. Celio Paranaíba e Dona Milosa, onde vivi por dois anos. [Eles tinham] 6 filhos. Era uma família que tinha posses, fazenda, armazém, etc. O trabalho era puxado, casa grande para cuidar, comida para fazer e menino para ajudar a olhar. No ano de 1974, busquei novo emprego num posto de gasolina para ser frentista. Trabalhei um ano pensando que a carteira estava

valendo e quando fui ver nem tinha ido para o contador. Entrei para a vida religiosa em 1982, na cidade de Pontezinhas-GO, como freira, na Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado (MJC)⁴. Assumi com ardor a missão. Tínhamos como foco o trabalho com a juventude. Tenho feito uma defesa incansável na área da educação, do meio ambiente, no combate a violência contra a mulher, à organização das mulheres e de grupos. Por causa da minha atividade missionária, vivi em diversas cidades goianas. Trabalhei na Cidade Livre, de julho de 1982 a setembro de 1984, em Aparecida de Goiânia. Fui Diretora de um Grupo Escolar precário, o qual revitalizei atuando junto com a comunidade para que os seus direitos fossem garantidos. Fizemos greves, debates, passeatas, festas, até chegar uma escola nova e com mais condições para professoras e crianças desta comunidade. Voltei para Pontezinhas-GO, de outubro de 1984 até 1986, trabalhando com pequenos produtores, grupo de adolescentes e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). No ano de 1987, fui morar em Vila Betânia, em Vitória - Espírito Santo, onde fiz o Noviciado (Ano Canônico da Congregação das MJC) e atuei junto à comunidade negra daquela região. Em 1988, morei em Inaciolandia-GO, atuando nas comunidades Eclesiais de Base (CEBs), onde fui professora assumindo aulas de contabilidade. Fui muito querida pelos alunos que me escolheram para paraninfa de sua formatura, pela minha dedicação àquela turma. No ano de 1989, fui para Planaltina-GO. Assumi aulas de alfabetização de crianças e adultos, animando também os grupos de jovens. Foi um tempo de muita riqueza junto à comunidade. Quando cheguei logo tratei de articular as mulheres, os jovens e também as pessoas da população negra. Em 1993, cheguei em Goiânia-GO, onde fundamos o Quilombo Missionário, no Bairro Alphaville. Éramos 4 mulheres negras com um projeto na área da questão racial dentro da Igreja a nível de Brasil, América Latina, caribe e África (Angola e Moçambique). Durante o tempo que morei nesta comunidade, dei minha contribuição na pastoral do negro da Arquidiocese de Goiânia, na Conferencia dos Religiosos do Brasil (CRB/CNBB) do RJ, na Conferencia Latina Americana dos Religiosos (CLAR) e participei de encontros de formação na Área da América Latina (no Equador e também na Colômbia). Ajudei a construir o Calendário Afro do Grupo de Religiosos e Religiosas Negros/as e Indígenas (GRENI) Nacional e muitos encontros e assessorias na área de outras congregações, especialmente com a juventude destas congregações. O tempo vivido no Quilombo Missionário foi com um laboratório para a caminhada da igreja em nível de América Latina, Moçambique e Angola. Fortalecemos nossas ações de resgate da história das irmãs negras dentro

⁴ Para mais informações, confira: <http://mjc2.tempsite.ws/site-pt-br/nossa-historia>. Acessado 16/07/2016.

da própria congregação da MJC, em que cada irmã foi contando sua história. Concluímos este processo identificando provas históricas que na fundação da Congregação eram 11 fundadoras e não 8, como a história registrava. Para comprovar tudo isso, fui buscar nos porões dos arquivos. Descobrimos que havia entrado no mesmo dia que as 8 irmãs brancas, 3 irmãs negras, com nomes e fotos desta história. Hoje já lançamos um livro “Tecendo memórias, gestando futuro” História das Irmãs Negras e Indígenas MJC (Paulinas, 2009) com toda esta outra parte e continuamos fazendo história dentro ou fora da Congregação. Morei por 10 anos no Bairro Residencial Alphaville, no Quilombo Missionário – MJC, realizando várias atividades ligadas às mulheres, à luta pelo combate à discriminação e ao preconceito, bem como o fortalecimento da luta do movimento negro dentro e fora da Congregação.



ENTREVISTA

Originalmente, a entrevista aqui publicada partiu de uma atividade de pesquisa, em forma de entrevista não-estruturada, realizada com algumas mulheres, no dia 12 de setembro de 2015, na sede da ONG *Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado*, no interior do processo de realização do trabalho de conclusão de curso em História de Maria Elisa de Magalhães Santos, intitulado “A ONG Dandara no Cerrado: o protagonismo das mulheres negras em Goiânia (2002-2012)”. Nas entrevistas, objetivamos caracterizar as ações que antecederam a oficialização da Dandara, por meio da investigação da memória das mulheres que participam do grupo. Escolheu-se a fundadora, Marta Cezaria de Oliveira (1956), uma outra mulher com tempo médio de atuação e outra recém ingressada na ONG.

Primeiramente gravada em áudio, a entrevista foi revisada por seus realizadores objetivando atenuar as marcas da oralidade, acrescentando notas e informações secundárias. Depois dessa primeira edição, o texto foi lido por Marta Cezária que acrescentou-lhe novos complementos. Para isso, realizamos mais dois encontros além do inicial em 15 e 16 de julho de 2016 para chegar à versão final que ora vem à público.

Agradecemos a calorosa recepção, colaboração e atenção com a qual sempre somos recebidos por essas mulheres negras e guerreiras.

Entrevistadora: Sou Maria Elisa e curso o quarto ano da Licenciatura em História da Universidade Estadual de Goiás, campus Goiás. Venho aqui na esperança de realizar algumas entrevistas para saber sobre as resistências e as conquistas das mulheres negras na sociedade goianiense a partir do Grupo Dandara. Este trabalho de pesquisa é referente ao meu Trabalho de Conclusão de Curso em História, cujo título é “A ONG Dandara no Cerrado: o protagonismo das mulheres negras em Goiânia (2002-2012)”, ou seja, os dez anos da institucionalização do Grupo. Meu objetivo é discutir o Movimento de Mulheres Negras na luta contra a discriminação racial, sexismo, relações de gênero entre outras questões, aqui na região metropolitana de Goiânia. De início, gostaríamos de saber sobre como o Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado foi idealizado, antes de sua institucionalização. Gostaria de quais os motivos determinaram a constituição do Grupo e quem foram essas mulheres?

Marta Cezaria: Antes de se institucionalizada, antes de ser oficial?

Entrevistadora: É, isto.

Marta Cezaria: Quem eram essas mulheres (risos)? Essas mulheres eram mulheres que vinha do Movimento das Irmãs Negras que nós tínhamos a... as irmãs missionárias que faziam parte, né... nós tínhamos o Quilombo Missionário que era lá no Alphaville, então, desde que eu cheguei em Goiânia (1993) eu queria trabalhar com grupo de mulheres e num tinha nenhum... ai falavam assim "não, aqui não tem grupo de mulher". Aí, aparecia quem? Ah, todas vezes era a Marta, né? A Marta ou a Genivalda [Genivalda Araújo Cravo dos Santos] ou a Marleninha [Marlene Monteiro Lima] lá do Finsocial ou a Neuza do APNs (Agentes de Pastoral Negros), que na época nem era APNs, era Pastoral do Negro. A Dona Maria José [Maria José Alves Dias], essa lá do João Vaz. Estas eram as mulheres negras que a gente ouvia falar. Em 1998, eu descobri que tinha Dona Dalva [Maria Dalva de Mendonça Silva] que era uma mulher que já tinha militado no Movimento Negro e que tinha um Grupo de Mulheres, uma Banda [Visual Ylê]. Aí eu comecei querer a juntar com essas mulheres né? Falei: "onde tá essas mulheres?" Tinha a professora Maria Zita [Maria Zita Ferreira] também que era mulher negra. Mas essas mulheres não se juntavam. Oraidia [Maria Machado de Abreu] que até foi candidata, né? E eu não sabia aonde estavam essas mulheres. E eu

pensava em nós enquanto irmãs, nós tínhamos um grupo de mulheres negras dentro da Congregação [Missionárias de Jesus Crucificado-MJC]. Nós éramos um grupo muito grande organizado em regiões e vários estados do Brasil. Aí eu pensei: "se nós irmãs podemos nos organizar, vou organizar as mulheres negras também!" Em 1995, aconteceu a Marcha de Zumbi⁵. Nós fomos para a marcha enquanto Pastoral do Negro. Tinha o pessoal do Movimento Negro Unificado (MNU): Ivana [Ivana Cláudia Leal], Ieda [Ieda Leal], que a gente conhecia mais na época. A Iara [Iara Leal] na época eu nem conhecia. Eu conhecia as duas irmãs [que] eram três, e [mais] a outra, [que] era a Silvani [Silvani Euclêncio]. Tinha uma outra menina, também, que fazia parte desse movimento delas, que era do Movimento Negro Unificado. Então eu conhecia mais era nós de cá, mais desta ala de cá, e as meninas mais de lá num juntavam muito não. Ai eu falei: "engraçado, tudo é mulher negra, né?" Ai eu pensava "tem que juntar". Quando foi 1996, a CONEN (Coordenação Nacional de Entidades Negras), ia realizar um encontro na Bahia. Nós reunimos enquanto Fórum de Entidades Negras de Goiás que era o [FENEGO], né, todas estas entidades que era o APNs [Agentes de Pastoral Negros]; era o CEBA (Centro de Estudos Brasil-África), que era da Universidade Católica de Goiás (que hoje é o PROAFRO - Programa Afro Brasileiro, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás); o CCAB (Centro de Canto Afro-Brasileiro), que era o grupo que a Neth [Lucinete Jardelina de Oliveira] tinha, que era um grupo que tocava (até esse grupinho acabou), a Pérola Negra que era a Marilene [Marilene Silva] que tinha um grupo aqui em Goiânia, e a Unegro (União dos Negros pela Igualdade), que era Miguel [Luiz Carlos Miguel dos Santos] e sua esposa Irene e depois eles mudaram daqui de Goiânia, foram para São Paulo, e nem sei por onde andam. Eles faziam parte do Unegro e o GRENI (Grupo de Reflexão de Negras/os e Indígenas); que a gente fazia parte enquanto religiosa. Então nós fomos para Salvador, com esta representatividade. Nesta época fui em nome do APNs. A Lucila [Lucila Maria de Melo] lá da minha casa religiosa foi em nome do GRENI. O Northon [Northon Chapadense] foi em nome do Proafro (Programa de Estudos e Debates dos Povos Africanos e Afro-Brasileiros), porque que na época era CEAB. O Andrezinho [André Alcântara Mendonça] foi em nome da Pérola Negra e o Miguel foi em nome da Unegro. A Neth foi em nome do CCEAB, que era um grupinho de música que tinha aqui, mas eles faziam música mais na arte de teatro. A Neth [Lucinete Jardelina

⁵ "Em 1995, milhares de negras e negros seguiram para a capital federal, em protesto e reivindicação, na Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida. Exigiam o fim do racismo, a ação urgente do Estado brasileiro contra as desigualdades raciais e pela melhoria das condições de vida da população negra. E mais, afirmavam seu papel, de mulheres e homens negros, como principais interlocutores para a busca de soluções para a tragédia que o racismo produz no Brasil." (ver Criola nº 19, 2005 - <http://criola.org.br/wp-content/uploads/2014/10/2005-MarchaZumbi.pdf>. Acessado às 10:55hrs em 14/07/2016).

de Oliveira] hoje é professora do município e do Estado, nesta época ela tinha este grupo, hoje ela tá no Áfricanto, ela gosta dessa área de canto, né. E ai nós fomos. Chegando lá em Salvador, como nós éramos três mulheres, eu a Neth e a Lucila, ia ter um encontro de Mulheres. Então vieram de SP, RJ representantes das mulheres negras brasileiras para ver outras companheiras dos estados que ainda não tinha sido avisada e neste encontro podia encontrá-las. Mas, só podia participar do encontro de mulheres que iria para Costa Rica quem tivesse um grupo de mulheres organizado. Estas mulheres foram para o encontro da CONEN, para discutir com as outras mulheres da CONEN; saber aonde tinham mulheres organizadas nos estados para ir para Costa Rica, que seria o primeiro Encontro Latino Americano e Caribenho das Mulheres Negras. Chegamos lá nesta reunião. Mas em Goiás não poderia ir porque não tinha um grupo de mulher. Ai eu falei: "alto lá! Goiás tem um grupo mulheres. Pode não ser reconhecido nacionalmente por vocês, mas eu, mas eu acho que Goiás tá mais representado que estes estados de vocês. Porque eu faço parte de um grupo de mulheres que tá organizado nas nove regiões do país (que era as Missionárias de Jesus Crucificado Negras e Indígenas)". Este grupo tinha uma coordenadora em cada Estado e na época ainda até contei, nós temos coordenadora em tal lugar, em tal lugar, só que só encontra irmãs, nós somos em 1996 quase trezentas mulheres negras MJC dentro da Congregação que nos reunimos e já estamos, acho que no 5º Encontro Nacional-1996. Nós começamos em 1986 em Brumadinho - MG, e o encontro Nacional aconteciam de dois em dois anos, num sei se estávamos no quinto encontro nacional, já. E ai o povo falou: "uai, mas então Goiás tem direito a uma vaga, né?" Para ir para o encontro de mulheres negras se a Marta Cezaria é desse grupo, assegura uma vaga para Goiás! Ai eu falei: "então eu vou assegurar uma vaga para Goiás. Não pra Marta, né? Ai assegurei a vaga. Voltamos do encontro eu, a Neth e a Lucila trouxemos a proposta. Colocamos no grupo do Fórum de Entidades Negras de Goiás - FENEGO e acharam que quem deveria ir para Costa Rica era eu. Ai eu falei: "tudo bem, se vocês acharem que eu que tenho que ir para Costa Rica representando as Mulheres Negras neste momento, eu vou, mas o compromisso é que antes de ir para Costa Rica, que a gente se organize e assumo o compromisso de organizar um grupo de mulheres negras "Mulheres Negras Construindo a Consciência Cidadã". E ia ter o 20 de novembro, né? Este 20 de novembro foi lá Bosque dos Buritis. Tem até gravado isto. Tem que resgatar. Tá gravado na TBC [Televisão Brasil Central, canal de TV do estado de Goiás]. Nós fundamos essa organização de mulheres lá no Bosque dos Buritis, né? Ai tinha o caminhão da Brasil Central. Neste dia tivemos toda cobertura da Brasil Central. Inclusive, eles não tinham pegado fogo ainda. Tinha o caminhão de som, toda a aparelhagem de som lá nesse evento nosso do 20 de novembro. Ai eu

subi lá encima e chamei as mulheres. Falei assim: cantei uma música dizendo “elas estão chegando, pelas portas, pelas janelas, pelas ruas e vielas, vem de todo lugar, mas elas estão chegando”. Então, as mulheres que estavam na praça que eram negras, todas foram para perto do caminhão e a gente fez um grande círculo. E neste grande círculo, dali a gente já saiu organizadas. "A partir de hoje a gente tem uma organização de mulheres em Goiás!" E saímos firmes dali, que aquele grupo num ia morrer. Isso em 1996. Em 13 de julho de 1996, a gente já tinha feito o encontrozinho lá na nossa casa (Quilombo Missionário), falando disso. Quando foi em 1996, fomos para Costa Rica, em novembro, finalzinho de novembro. O encontro foi em San Jose - Costa Rica, né? Ai eu fui para Costa Rica voltei com esse pique. Vou organizar um grupo! Em julho de 1997, nós fizemos o primeiro encontro, aqui no Jardim América. Nós chamamos as mulheres negras todas para poder organizar elas aqui. Chamamos a Maria Zita [Maria Zita Ferreira], chamamos a Ângela [Ângela Maria Lopes], que até já morreu, que era psicóloga; a Sônia [Sônia Cleide Ferreira da Silva] que é hoje a coordenadora do Malunga. Pusemos ela na mesa. Ela e a Geralda [Geralda Pereira da Silva] para falar sobre a saúde da população negra. Na época, eu já conhecia um pouco, mas eu queria que elas falassem, porque na sua família tinha gente que tinha anemia falciforme. Até a sobrinha (Karolina) ela morreu há pouco tempo por causa disso, né? Por isso que pus ela para falar. A Zita foi falar da ascensão da mulher negra, né? Falar, enquanto mulher negra, que tinha feito um livro. Isso foi bem na época que ela estava publicando um livro. A Ângela como psicóloga ela falou da ascensão da mulher negra. Ela que veio dos Calungas, uma mulher simples, quilombola, trabalhou de doméstica no consultório de onde ela depois ela passou a ser uma estudante. Fez estágio e ficou como psicóloga lá neste lugar que ela trabalhava enquanto doméstica. Então, ela começou de doméstica até se formar para psicologia. Por incrível que pareça, ela tinha crise de rins e um dia teve uma crise de rins muito forte. E foi 24 horas muito rápida a morte dela. Internou e no outro dia a gente já ficou sabendo que ela havia falecido [mãe da Marta, Dona Conceição, que estava no lugar da entrevista, perguntou; “Ela morreu?” Marta, disse: “Faleceu, mas foi tudo bem”]. A partir daí nós fizemos este encontro focado na saúde da população negra e na ascensão das mulheres. Levamos uma jovem de outra religião para tocar, para cantar, que ela era evangélica. A mãe num era, né? Mas a gente pegando a juventude já para trazer, né? A menina da Neusa que era do APNs. Depois disso nós fomos lá para o Jardim Liberdade fazer outro evento, no outro ano. Sempre no 25 de julho, a gente juntava as mulheres negras, era o ano de 97-98. Quando foi outubro de 98, eu já tinha criado a Malunga, eu ganhei uma agenda e falei agora nosso grupo vai chamar Malunga. Então, nós criamos o Malunga

primeiro. E ai lá neste encontro nós já tínhamos as companheiras que era Malunga - que queria dizer "companheiras", né? Ai fomos. Fiz um projetinho pra Alemanha, pedindo um dinheiro. Ai eles me mandaram para uma outra instituição feminina que bancava projetos para mulheres. Eles ajudaram pra gente ter comida, alimentação pra este encontro com ajuda da FASE-RJ. Passagem a gente não tinha, mas pelo menos tinha como ter comida e alimentação. Ai o SINTEGO (Sindicados dos Trabalhadores em Educação em Goiás) nesta época foi parceiro também. Eles arrumaram o Clube de Roma, conseguiram arrumar o Clube de Roma, ai a gente pagou estadia. Pagou ornamentação. A Nilma [Nilma Lino Gomes], essa que hoje é a nossa ministra, foi a nossa palestrante na época, né? Em 98, a Zita conhecia ela e falou vamos trazer! Eu falei vamos, vamos trazer ela! Aí nós trouxemos ela. Ela adorou conhecer meu grupo. Eu fui e dei entrevista na rádio Difusora e ai Dona Dalva escutou, me ligou, foi assim que eu conheci a Dona Dalva, né? Que eu queria muito saber quem que era ela. E ela também gostaria de saber quem que era a gente. Ai a Dona Dalva: "a senhora está convidada". Aí ela falou: "eu tenho uma banda". Então a senhora está convidada a tocar! No dia que ela foi tocar choveu muito, mas lá elas estavam, tocaram, animaram a noite toda! Essa festa foi muito boa. Jantaram, gostaram de mais do espaço, do evento, das oficinas, foi um evento muito legal, tudo gravado, né? Trouxemos a Lucimar Martins de Brasília-DF veio para contar um histórico das mulheres negras, como começou lá em Bertioga. Foi assim muito legal. Então daí saímos de lá com reunião marcada com todas as mulheres que estavam ali para gente organizar o Estatuto da Malunga. Ai veio uma menina que era juíza, num sei nem o nome dela, que eu esqueci. Tenho que olhar nos documento pra lembrar o nome. As outras mulheres era, Oraidia [Oraidia Maria Machado de Abreu], a professora Marilucia que era da Universidade Federal. A Mariana Pereira da Cunha professora da UFG e que é uma Dandara hoje, ela surge daí, dessa época. Tinha uma outra professora que eu coloquei ela na mesa. Tô tentado aqui lembrar o nome, pois ela era palestrante, era da Universidade Federal (Professora Marly Silveira). Uma sindicalista (Genivalda Araujo Cravo dos Santos), a Dona Maria José e uma que falava sobre a Pastoral Afro (Irmã Maria Raimunda ribeiro da Costa/ MJC). Uma um pouco ligada à Igreja, que é a Raimunda, e ai foi muito engraçado que a Professora Marli, ela falou Deus que me livre! Ela ficou a última pra falar que era da universidade pra amarrar a mesa. Depois do banho dessa Dona Maria nem tenho nada pra falar nessa mesa não né? Eu tô até com vergonha. Como é que você conseguiu montar uma mesa com essa diversidade e com um tema tão rico desse? Que era falar da mulher negra com um olhar de sindicalista, da universidade, da igreja da base, que era a Maria José, da Igreja, naquela época como que falaria? Foi uma mesa muito rica, foi gravado tem

que recuperar isso. Porque esta nessas fitas de vídeo. Hoje já é tudo DVD, daqui a pouco já não tem mais, tem que recuperar (risadas). Então, daí nós fizemos uma avaliação e fomos lá pra casa das irmãs no Alphaville. Nesta época nós mandamos carta pra quinhentas pessoas, o encontro era para 100 mulheres, e nós tivemos acho que tivemos 98 presentes com toda a chuva que teve em Goiânia naquele final de semana. Deu acho que 98 mulheres. Foi bastante mulheres considerando que era pra passar três dias fora de casa, mulheres negras três dias fora de casa? Num era bom não, lá naqueles canfundó, lá do campus [Samambaia da UFG]. Sabe aonde é o Clube de Roma né!? Oooh meu Deus do céu, um lugar chique, muito gostoso, mais o povo adorou demais da conta lá! Quem não foi se arrependeu. Uns se perderam também, não deram conta de chegar, porque realmente, é, pra quem não conhece, não tem esse acesso fácil, por mais que queria não sabia como chegar lá, né? A partir, desse encontro nós organizamos o Grupo Malunga. Eu mesmo criei um estatuto, eu peguei um estatuto, nem sei nem aonde eu arrumei um estatuto. Copiei, fiz, organizei, registrei o Grupo Malunga e ai quem eram essas pessoas do Grupo Malunga? Era a Anadir Cezário de Oliveira, era Eu, era a Sônia [Sônia Cleide Ferreira da Silva], era a Neuza [Neuza Maria da Silva], Dona Maria José [Maria José Alves Dias], Marizélia [Marizélia Moreira Dionizio] era a Maria [Maria do Carmo Avelino], a Pureza [Pureza de Matos], a Marlene [Marlene Aparecida Gonçalves], Loide Cesário de Oliveira, Lucinete Jardelina de Oliveira quem mais que era gente? Ah, a Geralda [Geralda Pereira da Silva]. Ai quando nós registramos este grupo era 1999. Nós sempre no 25 de julho, sempre fazendo evento com foco na Saúde da População Negra. Fizemos em 1999, ai registramos o grupo. Quando o grupo saiu do cartório registrado, que estava com o estatuto na mão, ai passou ficar já com a Sônia, porque eu já não fiquei como presidenta preferi colocar a Sônia como presidente, né? Porque eu falei, ela num tinha nenhum grupo, e eu já tava num grupo. Pensei é mais fácil uma mulher do movimento vim para esta representatividade porque eu era religiosa muita gente e achar que eu não ia defender bandeira feminista, defender bandeira de mulher, apesar que eu já defendia né? Quando eu participava do grupo de mulheres eu já participava do Fórum Goiano de Mulheres que era feminista. Então, desde que eu fui para um grupo participando do outro, ai para levar elas para o grupo feminista era mais difícil, porque as feminista chegavam lá quase todos já tinham um trabalho, né? Por exemplo, era professora universitária, a outra trabalhava na saúde, já tinham um trabalho, e as negras chegavam lá, elas não tinham nada! Às vezes nem o passe para ir até aquela região. Chegava lá, as mulheres pensava em ir para um encontro em tal lugar e virava pra mim: "a Marta pode porque a Igreja paga pra ela". Quer dizer que a Marta podia ir, mas e as outras mulheres... num pensavam que estas

mulheres teriam que ir participar do evento pra elas crescerem também. A Sônia Cleide mesmo, quantas vezes ela foi pra evento que ela não tinha nada pra comer, sabe? E fica lá no evento sem comer nada. Só pra participar da reunião e não tinha coragem de dizer. Eu falava pra elas que se eu fosse, eu ia dizer pra aquelas mulheres num tenho dinheiro pra comer não! Vocês querem que estivesse aqui? Então me ajuda, me paga uma comida. Mas pela vergonha as mulheres negras num fazem isso. Ficam caladinhas no evento mas num diz que num tem dinheiro pra pagar uma comida ou pra pagar um ônibus, né? Pra ir em tal lugar. É melhor não, eu não posso ir. Dá uma desculpinha, mas num diz o porquê, né? Que na verdade o poder aquisitivo era bem menor, num tem trabalho né de nível, de universidade, essa coisa. E eu como eu tinha congregação eu podia tá mais atenta a isto né? Eu tava estudando né? Tinha mais tempo, tava mais liberada e sempre que eu podia eu pagava pra alguém. Num importava se era pra uma menina se era pra um menino, tinha que ir pro Movimento Negro participar né? Militar né? Eu queria que eles estivessem na frente né? E ai então eu pus a Sônia na frente! Depois que registrou, a Ruraní [Ruraní Ester Silva] que era uma mulher feminista achava que eu sendo religiosa, eu não ia defender a bandeira das mulheres negras especialmente na questão do aborto, na questão é, tinha as mulheres lésbicas, tinha um monte de coisas que as feministas falavam e defendiam que talvez eu não faria por ser religiosa da igreja católica. Isso é porque não me conheciam. Ela não vai defender e eu dizia, não eu não sou assim. Não acreditavam, que eu estando dentro da igreja, eu era freira, eu era da Igreja Católica. Só que minha postura era outra, num era a postura da Igreja Católica. E as pessoas não me conheciam pra me julgar antes né? Então achou que eu não devia ficar na presidência da ONG (Organização Não Governamental). E eu achei até bom mesmo, tanto é que eu nunca fiquei na presidência. Aí eu pus a Sônia, pus a minha irmã (Anadir Cezario de Oliveira), pus a outra minha irmã (Loide Cesário de Oliveira) elas eram do primeiro estatuto lá. Elas estão no estatuto da Malunga, mas ai, as meninas falaram: "nós só queremos trabalhar saúde". Nós tínhamos feito um projeto de anemia falciforme pra Palmares. Depois até a Dulce..., que era a presidente da Palmares, ela aprovou o projeto. E a mulher lá da Palmares (presidente), teve aqui em Goiânia num encontro. Ai a Malunga coordenou esse projeto e na época nós tínhamos comprado um carro para as irmãs, para trabalhar a questão racial da própria comunidade. Virou uma confusão danada. O povo achava que o carro era do movimento. Não, o carro não é do movimento, o carro é das irmãs! O Padre tinha direito de ter um carro, as irmãs também tem! Então, eu enquanto mulher negra pedi o carro, claro que demorou. O do Padre chegou bem primeiro que o nosso, né? O nosso demorou quase dois anos pra chegar, mas chegou. Quando chegou a Parati todo mundo

achava que era pra carregar pra baixo e pra cima o povo negro. Não. Porque nós só tínhamos um carro no Movimento Negro, de quem era esse carro? O carrinho do Teodorico [Teodorico Ferreira da Silva]. Ai eu pensava, não, nós estamos organizando as mulheres nós precisamos ter mais um carro, né? O carrinho quase num cabia nada, ele não cabia nossos materiais. A gente enchia o carro, cada palestra que ia punha aquele monte coisa no carro do Teodorico. Ai quando essa Parati chegou, foi bom demais, porque ai ela tinha um trazeirão bom, né? E andava! Mas ela deu muita confusão também, mas valeu muito né? E ai foi a época que organizamos o Malunga. O Malunga tava tudo ok, já tava funcionando, mas ai vem o racha. Sempre é assim, grupo é assim né? Quando nós fizemos o curso do SEBRAE (Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas), primeiro, antes de fazer o estatuto nós fizemos o curso do SEBRAE, duas turmas era tão grande a turma que não foi possível em 1999 fazer um curso único. Ai uma turma fez a noite uma turma fez de dia no sábado. Ai o povo até falou assim: "lá no SEBRAE, por que vocês querem fazer um curso?" Porque nós queremos fazer uma ONG (Organização Não Governamental) (risos). Ai o SEBRAE, não entendo como vocês querem fazer uma ONG se o SEBRAE é para formar uma empresa? Por isso mesmo. Porque se você consegue governar uma empresa, tem que saber governar uma ONG, né? Ai eles falaram assim: "olha vocês entraram aqui com este objetivo, mas daqui pode sair muitas empresas". E, realmente, cada uma que entrou lá, depois que saiu, a cabeça era outra, porque entrou com uma cabeça de organização, nós pensando em movimento e o SEBRAE pensando em empresa. Mas deu o curso tudo montadinho iniciando um grande pequeno negócio. E foi com este curso que iniciamos as duas ONGs. Porque iniciou primeiro a Malunga. Fizemos o estatuto, depois quando tava prontinho, a Malunga, as meninas decidiram, a maioria não queria ficar lá. Por quê? O que aconteceu? A Malunga queria trabalhar só saúde e a Dandara queria mais esta parte de saúde e sim mais na geração de trabalho e renda e do combate da violência contra a mulher. E ai não batia o objetivo dos dois grupos. Claro que poderia trabalhar tudo no mesmo grupo. Ai elas também não queria - as mulheres da universidade, porque a maioria das mulheres negras eram sem cursos universitários. E ai então estas que eram da universidade ficavam meio *escantiadas*⁶. Elas não tinham muito, num estavam dentro do nosso estatuto como coordenação, mas isso não foi porque a gente não quis. Foi porque, quando a gente começou a fazer elas num estavam. No SEBRAE, elas também não estavam, então a gente ficou naquele grupo. Formamos bem o grupo. Ai quando eu vi que estas meninas estavam muito

⁶ Regionalismo derivado de 'escanteio', que neste contexto, significa isoladas, separadas.

enciumadas, eu falei, vou dar uma afastada. Foi uma época que minha irmã (Lidia Cezária de Oliveira) tava precisando muito né? A mãe da Letícia [Letícia Teixeira de Oliveira]. E eu falei, sabe de uma coisa? Eu vou é pedir uma licença da congregação e vou cuidar da minha irmã. Ai eu fiquei um ano fora da congregação, assim, não desligada. Falei assim: "vou ficar um ano, vou afastar um pouco do movimento, dar uma aliviada né? Ai fiquei. Deixei a Malunga crescer pra cá, e as meninas montaram lá seu espaço né? Das que queriam gerar trabalho e renda. O que elas fizeram? Fizeram horta orgânica, mexendo com produto de soja, foi por outro caminho. E a Malunga não queria saber disso. Então dividiu o grupo: um grupo ficou pra lá e outro cá. Elas olhavam pra mim e falavam assim: "você fez um estatuto pra Malunga, agora você tem que arrumar outro nome pra nós. Foi aí que eu arrumei o nome Dandara. Ai eu falei já que lá é Malunga, aqui vai ser Dandara, então. Eu escrevi o mesmo estatuto pra Dandara. Tanto é que se pegasse os dois estatutos, eles parecem muito um com o outro, porque era quase o mesmo grupo né? Só mudava a função, que lá era Malunga e cá era Dandara. Os objetivos eram um pouquinho diferente porque lá eles quiseram ficar mais com a área da saúde e aqui ficaram com a geração de trabalho e renda e também a autoestima das mulheres negras. Era tão divertido. Na época, as mesmas pessoas que ajudou fundar lá, ajudou a fundar cá. Por exemplo: a Anadir, a Loide, Dona Maria José era da coordenação de lá, passou pra cá; a Zelia [Marizelia Moreira Dionizio] era de lá passou pra cá. Eu num fiquei na coordenação nem de uma nem de outra. Tanto que quando fundei a Malunga, sai da coordenação. Quando fundei a Dandara não entrei direto na coordenação. Fiquei só como sócia fundadora e organizamos o grupo numa forma que elas podiam trabalhar. Estas meninas pegaram pesado. Nos dois primeiros anos elas trabalharam muito com horta [Marta parou para dar água para sua mãe, Dona Conceição]. Ai eu falei: "meu Deus do céu, trabalharam muito com horta orgânica na Maria Dilce (setor Maria Dilce)". Tem as fotos ai e tudo. Foram para feira da ADAO (Associação de Desenvolvimento da Agricultura Orgânica). Ah, neste mesmo tempo, ainda fundamos a Associação de Desenvolvimento da Agricultura Orgânica. Estas mulheres que eram da Dandara faziam parte mais da associação da agricultura orgânica também. Ai a gente trabalhou um tempão na agricultura orgânica. Eu, a Anadir, o Luiz [Luiz Carlos Pereira de Oliveira] meu cunhado. Na agricultura orgânica era uma coisa de doido sabe? A gente pelejou demais da conta e essas mulheres além de trabalhar com a agricultura orgânica elas iam para a feira, falar da igualdade racial na feira, né? Nesta mesma época, a gente fundou toda essa história. A Dandara ficou até mais ou menos 2004 em mobilização, participando de conferências, de coisa de meio ambiente. [Atuando] Mais na área de

trabalho, da agenda 21, que era nesta época que tava em evidência. Então, tudo chamava a gente. Ai estavam essas meninas da Dandara no meio: organização da agricultura orgânica em nível nacional. Participamos de I ENA – Encontro Nacional de Agroecologia – RJ mais na área da agricultura mesmo, familiar e orgânica, e ajudando a fortalecer toda esta estrutura. Então foi uma época assim, muito de articulação política, acho que a Dandara já nasce articulada politicamente, mais forte que a Malunga, porque as Malungas ficaram com um grupo. Ficou lá a Sônia, a Maria do Carmo, a Pureza, a Marlene e a Geralda, a Erondina esse foi o grupo que ficou na Malunga e a Oraidia Abreu. Ela foi fazer parte (a Oraidia Abreu) puseram ela na organização delas lá né? Então a Oraidia Abreu ficou por lá um tempo né, até que ela ficou comadre da Sônia então por isso mesmo ela ficou por lá. E as outras pessoas ficaram todas pra cá, ninguém mais ficou lá e outras num ficaram nem lá nem aqui. Foi pra universidade, fortalecer lá nas universidades, né? E outras foram pro sindicato. Por exemplo, no caso da Genivalda Cravo, ela fortaleceu o coletivo Lélia Diniz, do SINTEGO. A Marilene foi fortalecer o Pérola Negra. O pessoal do CEBA [da antiga UCG, hoje PUC-GO] foi fortalecer o CEAB (Novo nome do CEBA agora é Centro de Estudo e Extensão Afro Brasileiro). As da Universidade Federal ficaram na universidade. A Mariana sempre em contato com a gente, nunca perdeu o contato e ficou na Dandara. A Zita (MNU) falava assim, sempre que vocês quiserem pode me chamar. Então, quando a gente tinha atividade ela participava. Tanto é que nos primeiros eventos tem ela gravada. Quando ela foi apresentar fora do Brasil, até o material que ela levou era do nosso arquivo. A gente tinha gravado tudo isso. Pagamos pra ter gravação desse projeto. Foi fortalecendo a Dandara por isso que 2002 a Dandara começa a se destacar mais, porque ela já estava com um projeto de agricultura orgânica, na feira orgânica, fez um materialzinho, um trezininho desse tamaninho, feinho, mais fizemos o primeiro (risos) da Dandara, que foi uma menina mesmo da Dandara que ficou horas e horas no computador tentando fazer, trabalhar um material pra poder fazer um tipo de etiquetinha que grudava assim "nos trem", pra aparecer, né? o nome lá. É engraçado depois eu vou ver se acho um primeiro simbolozinho da Dandara. Quando foi em 2004, eu trabalhei na assessoria da mulher⁷, de 2001 a 2004. Então, nesta época, eu levei para a Assessoria da Mulher da Prefeitura de Goiânia a Anadir que já era funcionária da COMURG (Companhia de Urbanização de Goiânia). Ai nós levamos ela para trabalhar na Assessoria da Mulher para ela entender mais desses movimentos de mulheres e tal. Também foi pra lá a Maristela [Maristela Silva Camargo], que era da Guarda Municipal. Foi pra

⁷ Para se informar sobre a Acessória da Mulher ver em: <<http://www.goiania.go.gov.br/shtml/assessoriamulher/ivconfmulher/fale.shtml>> acessado 14:36hrs em 14/07/2016.

lá a Lucilene, essa Lúcia [Lucilene Vitório Rodrigues] que tava aqui hoje, né? Luciene Vitório, lá do Senador Canedo-GO, ela também trabalhou lá na Assessoria da Mulher. E a Elza Flores também que era do Grupo da Congada da Vila João Vaz [em Goiânia], mas que não estava em grupo nenhum. Veio para nosso grupo a Dona Maria José que também era lá da Malunga, mas que nunca foi respeitada lá por ser igrejeira e sentia necessidade de estar com as mulheres. Ai ela veio para nosso grupo. Ela foi a que veio mais pra trás porque ela sempre estava nas nossas atividades, mas só veio filiar na Dandara depois, né? E dizia "Eu sou uma Dandara". Tô feliz por vocês ter me aceitado aqui enquanto mulher negra, né?" Até a própria Pureza, que era da Malunga, hoje ela é filiada na Dandara também, porque depois de muito tempo ela viu que não dava para continuar lá. Ai veio pra cá. Só que a gente deixa ela ajudar lá... Quando ela quer ir, ela vai né? Porque ela foi de lá muito tempo. Nós não puxamos nenhuma das meninas lá da Malunga. Todas vieram porque quiseram. Quando nos organizamos em 2006/2007, nós pegamos a Malunga, que já tinha uma organização, assim mais organizada quanto ONG, para dá uma assessoria pra gente. Ai ela veio algumas vezes dá a assessoria, mas as próprias meninas não quiseram saber. Acho que o que elas já tinham visto e o que eu já tinha ajudado era mais do que aquilo. Mas eu queria o quê? Fazer com que a Malunga também se despertasse para crescer e caminhar. A gente tem até as fotos da época dessa capacitação que elas vieram fazer um planejamento estratégico com a própria Dandara. Mas não funcionou muito tempo, elas também não tiveram muito pique pra isso né? Acharam meio complicado a gente sem fazer o trabalho. Elas pegaram um quilombo, outras meninas por ai. Elas estão lá e nos cá, ai as pessoas falam, vocês são brigadas? Não, nós não somos, só aconteceu isso né? Aconteceu de se separar por questões mesmo que elas queriam trabalhar por um lado. Outro grupo queria pra outro. E pra mim não ficou brigas. Claro que teria tudo para poder ter brigado né, porque cê funda um grupo... Não, pra mim quanto mais grupo tivesse, pra mim melhor, porque eu queria ter grupo de mulheres, fundei um, agora dois?! Pra mim estava realizada de ter cumprida minha missão já, e por causa que a de cá ser minha irmã também né? Eu continuei participando mais. Eu vim participar mais depois de 2004, de ajuda, de rearticular toda as meninas da Dandara; fazer projeto, essas coisas. Daí pra cá, a gente não paramos mais. Em 2007, a gente alugou esta sede⁸. Até 2004 era mais articulação. 2005/2006 a gente já começou fazer alguns cursos, mais interno, de costuras, estas coisas dentro do próprio grupo. Em 2007/2008, a gente já partiu pra fazer projeto pra fora, não é fácil trabalhar com

⁸ Atual, localizada na Rua C 176 Nº 717 Quadra 424 Lote 21 – Jardim América/Goiânia-GO.

projeto fora, porque é projeto que gera desafio, muito, muito desafio. Tem hora que a gente pensa assim, num compensa, porque, tudo bem, tem gente que acha que faz o projeto pelo dinheiro, mas quando você faz o projeto pela paixão por aquilo que está fazendo, aí o dinheiro fica muito pouco, porque você dá mais do que deveria né? Então, é meio pesado, mas foi isso que a gente foi fazendo pra construir essa história que você está vendo aí hoje. É uma história que guarda aí na sede muito material que tem que ser ainda resgatado. Material que tem que ser aproveitado, porque futuramente pode se perder na história. E, então, quem vai escrevendo a história hoje, são as próprias pessoas que vai fazendo TCC (Trabalho de conclusão de curso), né? Nós tivemos meninas aqui que já fizeram TCC sobre a Dandara. A Marizelia⁹ fez [sobre] aqui, a Luzinete [Maria Luzinete Martins Mourão]¹⁰ também fez a dela aqui, a Wynne e Laura¹¹, a Cinthia¹² [Cinthia Marque] fez o mestrado dela aqui, Julio Vann¹³ fez o doutorado dele aqui. Então vai construindo a história, essa história tá por aí, muita história.

Entrevistadora: A partir da década de 1980, houve uma ruptura, um desligamento das mulheres negras tanto do Movimento Feminista, quanto do Movimento Negro. Como se deu esse processo aqui em Goiânia?

Marta Cezaria: Em Goiânia, foi um dos lugares, em que nós mulheres negras enfrentamos esta bandeira, mas, com todos estes desafios que estou te falando. Porque muitas das vezes você é engolida pelo Movimento Feminista, que é de branca né? Quer que você fique debaixo da asa delas, ou você vai e passa fome como no caso de Sônia, né? Nós, Dandara, ficamos até 2008 na coordenação do Fórum Goiano de Mulheres e na Articulação das Mulheres Brasileira - AMB. E hoje, a gente ainda faz parte dessa ligação com as mulheres feministas, porque hoje nós temos um

⁹ SILVA, Ivaneza Gonçalves; BRITO, Luana de Marilac Lima e Souza; DIONIZIO, Marizelia Moreira; COSTA, Odir Rodrigues; FONSECA, Suzana Gonçalves Ferreira. Liderança de um jeito especial: grupo de mulheres negras Dandara no Cerrado. Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação de Administração para obtenção do diploma em Administração da Faculdade Padrão. Goiânia, 2010.

¹⁰

¹¹ CARNEIRO, Wynne Borges; BRAGA, Laura Santos. A luta por reconhecimento e autoconfiança da mulher negra. Trabalho de Conclusão de Curso. UFG-2013.

¹²SANTOS, Cinthia Marques. Sonhos em movimento: perspectivas de empoderamento de mulheres negras. Mestrado acadêmico em Antropologia Social. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Goiás. 01/08/2012.

¹³SANTOS, Júlio César dos. "...se eu fosse uma flor..." [manuscrito] o cinema como dispositivo tecnopoético produzindo simbólicos identitários de uma mulher negra. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arte e Cultural Visual, da Faculdade de Artes Visuais, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Arte e Cultural Visual. Goiânia, 2014.

outro olhar, e hoje quem banca as mulheres negras no Movimento são nós mesmas com outro olhar, as primeiras que quem tem dinheiro, que na época quem tinha muito dinheiro as mulheres negras num tinha grupo. Quando as mulheres negras fundaram os grupos, as grandes empresas e os grandes financiadores desses grupos de mulheres saíram do Brasil. Então, as financiadas foram as mulheres brancas e elas não bancaram as mulheres negras. Tanto é, que quando elas estavam fazendo doutorado, mestrado, as mulheres negras estavam cuidando dos filhos delas. É por isso, que hoje, temos poucas mulheres negras com doutorado, poucas mulheres negras com mestrado. Elas estudaram fizeram faculdade, mais não conseguiram ultrapassar essa barreira, que era passar para fazer o doutorado e o mestrado. Fazer o mestrado e chegar no doutorado, porque não teve mais bolsa. Poucas entraram nesse campo. E aí então, quando foi em 1988, em Bertiooga, as mulheres negras racharam com o Movimento Feminista. Teve encontro em Bertiooga e lá elas falaram, enquanto vocês estão fazendo isso, isso foi em 88, olha pra você vê, de 88 pra cá é muito pouco tempo, então a ascensão dessas mulheres negras, Sueli Carneiro esses grupo foi se dando por aí, mas quase todas bancadas por quem, pela Fundação Ford, por essas... A ONG Crioula foi bancada por muitos anos, bancada por muito projetos internacionais, é o Geledés, uma ONG de mulher negra que ganhou instituto bancada por esses projetos. Foram às únicas ONGs. Em Goiânia tinha o Grupo Transas do Corpo que era bancado. Só. Nenhum outro grupo era. Tanto é, que a Malunga, ela teve um projeto da MacArthur que foi feito, porque começou aquela época que as mulheres brancas tinha que trabalhar com a questão racial e então nós ganhávamos projeto pra fortalecer o Movimento Negro, fortalecer outras organizações, e acabou que não fortaleceram as organizações de mulheres negras. Então foi muito devagar. Nosso fortalecimento se deu muito mais institucionalizado pela doação das próprias mulheres negras do grupo e pelos projetos que a gente desenvolveu com a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República – SPM/PR, com a Secretaria municipal de Cultura, com o Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, com a Global For Woman, com a Rede de Educação Cidadã – Talher –GO, com o Fundo de Direitos Humanos, e por último coma Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPP/PR. Das nossas ações, mais num gerou dinheiro pra ONG. Hoje, agora, se você perguntar qual é a ONG de mulheres que tem sua sede aqui em Goiânia nenhuma tem. A Malunga tem a sede dela lá, mas porque terreno é do pai dela, a sede é dentro do quintal do pai da Sonia. Não é delas. Aqui é alugada. Então, nenhuma tem uma sede. Agora se você olhar uma Transas do Corpo tem uma sede, o CPM (Centro Popular da Mulher) tem um sede, todas de mulheres brancas. Por que as mulheres negras não têm? Por quê elas ganharam e a gente não ganhou? Por que a gente

num fez projeto? Não, porque ainda é assim. Ainda tem esse desafio. Nós estamos aí na luta, pelo nosso espaço sabe. Esse ano já temos o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) no nosso nome, numa área cedido pela prefeitura, graças a Deus. Estamos esperando sair o projeto agora, o projeto arquitetônico, pra poder entregar lá, pra poder ver se a gente faz pelo menos um galpão lá, pra dizer aqui é a nossa sede futuramente, vai ser aqui. Mas a manutenção ainda é doação das mulheres negras, doação de tempo, doação de trabalho. No Movimento Negro, nós ainda fazemos parte da CONEN, nossa gente nem sempre está lá dentro da CONEN mas a gente tá lá organizado enquanto CONEN, porque a Dandara Fez parte da Coordenação Nacional. Agora que a gente tá querendo sair, mas a gente fica lá porque realmente, a fala ainda é muito masculina dentro do Movimento Negro. Tanto é que, quando nós quisemos organizar a Malunga, aqui em Goiânia, a gente ouvia, não sei porque agora essas mulheres querem organizar. Eu coordenava o Fórum de Entidades Negras, em 2006, aí os meninos chegaram pra mim e falaram assim: “ahh... Marta pra você agora tudo é essas mulheres negras, você podia então passar a presidência do Fórum pra fulana”, pra quem era vice né, falei: “pra mim num tem problema não, fiz um papel a mão mesmo, falei ó, toda a responsabilidade a partir de hoje, aqui está o papel do Fórum, pode levar”. E aí, o que aconteceu? Se vê falar no fórum, que existe, mas não vê uma reunião, mais nada do FENEGO. Então, são as coisas assim, as pessoas sentem ciúmes, os homens tem ciúmes das mulheres, mas na verdade eles não conseguem organizar o movimento e fazer que o movimento caminha, porque eles ficam nesta disputa de poder e a gente não pode disputar poder, por isso que eu falo, entre a Dandara e a Malunga não houve essa disputa de poder, e sim, uma diferença de opção, de trabalho, de objetivo. Tanto é que a Sônia [Sonia Cleide Ferreira da Silva] quantas vezes ela falou, Marta, vocês Dandara, as meninas da Dandara, quiseram ir por trabalho, pro mundo do trabalho, geração de trabalho e emprego, estudar pra concurso. Foi isso que a gente fez, porque pelo menos elas tem um salário, mesmo sendo um salário de gari, um salário de trabalho na prefeitura, mas é um salário, ela tem um emprego fixo, ela tem um concurso. A Zélia [Marizelia Moreira Dionizio] hoje é concursada trabalha meio período na farmácia, quer dizer, a Zélia mora num prédio aqui no Jardim América. Comprou agora há pouco, com esse projeto Minha Casa Minha Vida. Ela comprou porque tem salário fixo. É uma pessoa que fez faculdade, não fez mestrado, nem doutorado, mas fez faculdade de administração. Trabalhou, brigou por um concurso, hoje trabalha nesses negócios de farmácia da prefeitura, um concurso da saúde, e passou, tá concursada. A Elza [Elza Santana Flores] também é. Ela fica na área da alimentação, mais passou tá lá né? A Eva que é lá do Capuava também que trabalhava na Assessoria da Mulher veio ser Dandara, mas ela nem participa

tanto. Também passou no concurso da prefeitura, varre rua, das mais feliz da vida, mas é uma concursada. A Lucilene que estava aqui, também na época, passou no concurso, acho que 2003/2004, também tá na prefeitura. Tá garantido o trabalho dela e foi fazer Serviço Social. A Anadir [Anadir Cezário de Oliveira], a Maristela [Maristela Camargo da Silva], a Rosana [Deuzília Cristina Santana dos Santos] foram estudar e hoje são Assistentes Sociais e tantas outras. A Deuzília [Deuzília Pereira da Cruz] terminou a faculdade está doida pra passar na OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), que não conseguiu passar, mas terminou o curso de direito. Desde 2008, através da Dandara, tivemos uma reunião de moradia. A gente levou o currículo dela, hoje ela já está no terceiro carro. Agora quer um zero, comprou um velho, comprou outro, agora tá num carro. Então, isso é o que a gente fala. Às vezes as pessoas falam, nossa, enriqueceu? Não. Quando nós começamos, lembra que eu falei que a gente só tinha um carro, o carro do Teodorico, do Movimento Negro, em Goiânia? Era esse carro, a não ser que as meninas do MNU (Movimento Negro Unificado) tinha um né? Provavelmente tinha. A leda porque ela sempre foi professora, sindicalista, a Ivana também tinha. Mas num era o carro do Movimento Negro, o carro que carregava o povo do Movimento Negro era o carrinho do Teodorico. Ele ia deixar lá no João Vaz, ia deixar lá no Alphaville, ia deixar lá no Finsocial, altas horas da noite, buscar de madrugada, ir pra esses interiores. Ai hoje, nós temos. Euzebio [Euzebio Fernandes de Carvalho] tem carro, Janira [Janira Sodrê Miranda] tem carro, Deuzília tem carro, a Ariandeny Furtado tem carro, a Anadir Cezario tem carro, essa Ana Maria que estava aqui hoje tem carro, quem mais que tem carro, a Anita [Anita Canavarro Benite] tem carro, Mariana tem carro, quem mais que eu tenho que lembrar (risos), tem mais gente que tem carro, ahh, a Elza tem carro, a Elza Flores e Rosana, olha. Então você vê uma mudança, uma mudança muito grande. A gente vê pela Dandara. Tem dia que a gente faz reunião aqui, tem 5, 6 que tá com carro. Antigamente, era um carro que nós tínhamos, um. Aí as pessoas falam assim, eu não consigo ver a ascensão, ela é pequena, mas ela existe, notável, nas pessoas, no compromisso de pegar esse carro, de colocar a serviço da causa. Porque a diferença é ter o carro e ele estar a serviço. Não, eu preciso de ir em tal lugar, será que eu posso contar com o carro de fulano? Posso, né, porque aquela pessoa se dedica. Por exemplo, hoje, se eu falasse assim, Julio Vann tô precisando do seu carro pra fazer isso, ele também tem carro (é professor que também é da questão racial) ele está disponível. Mariana, e assim vai, outras pessoas, que tem carro, que coloca a serviço. Que fala assim poxa, as meninas que passaram por aqui como bolsista, como estagiária, que é o caso da Sarah [Sarah Paloma Cecílio Santos], da Samara, a mãe da Samara trabalhava mais a Sarah, que era do tempo da fundação da Dandara, ela

trabalhava dia e noite de enfermagem, uma hora de cuidadora, outra hora no serviço de enfermagem, mantendo duas filhas, sem pai né, na escola. Formou as duas. A Samara [Samara Cristina Cecílio Santos], quando ela terminou, no último semestre do Direito dela, ela passou na OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), antes de terminar o curso de Direito. E a Sarah também tá bem empregada, todas duas tem carro, ela hoje nem tem muito tempo, principalmente a Samara né? A Samara depois que entrou pra esse negócio de trabalhar no Fórum como Advogada essas coisas, desnor-teou um pouco, alisou o cabelo, mas ainda é uma negona, num mundo do direito hoje, né? Porque se as pessoas não estiverem muito assumidas, ela não consegue nem ter o cabelo natural. Então, ela vai e faz o cabelo dela do jeito que ela quer. A gente num liga pra isso, para nós é tranquilo, mas vai fazer um processo... Por exemplo, nós tínhamos aqui a Deuzília. A Deuzília até pouco tempo tinha o cabelo alisado. Dois anos atrás, eu estava aqui olhando uma foto dela lisinho, o cabelo. Agora tá com o cabelo todo cacheado, todo amarradinho pra cima ou soltinho com uma flor do lado, quer dizer, é um processo. Esse é um processo que demora, e as vezes ela chorava. Teve uma vez que ela começou a tomar raiva das meninas, que chegavam aqui todo mundo de flor aqui e ficavam falando de cabelo alisado. E ela ficava revoltada, porque o dela era alisado, mas ela estava numa igreja que achava que o cabelo dela tinha que ser assim, e ela também. A cabeça dela achava que tinha que ser daquele jeito, até que o cabelo começou a cair muito, e ela viu que o cabelo precisava ser cortado. E a menina falou, vai cortar, vai ao voltar ao natural e hoje o cabelo tá dos mais bonito. Ela para no posto, ai as meninas fala, o que você faz no seu cabelo? Uma nega desse tamanho, porque ela é grande, uma quilombola muito grande (risos), ai ela fala eu não importo do tamanho que tenho, do jeito que eu só, eu sou uma negra muito bonita e me realizo do jeito que eu sou. E hoje, realmente, ela tá muito bonita, né?

Entrevistadora: Então pode se dizer que, uma das coisas que a Dandara representa para a sociedade, a função social para sociedade, é o empreendedorismo, é o empoderamento da mulher negra?

Marta Cezaria: Empoderar a mulher, desde a sua fundação; desde que a gente fez esse curso do SEBRAE. Eu falei do curso do SEBRAE e acabei esquecendo dele né (risos). Porque na época, a Anadir por exemplo, ela foi fazer chocolate, vendia chocolate e comprou o primeiro carro dela, o primeiro carro Passat, antes ter essa Parati. Ai ela foi pagando um consórcio até chegar e comprar a Parati. Então quer dizer, desde este curso do SEBRAE o primeiro avanço foi esse, a Anadir Cezario ter sua própria autonomia financeira, ter sua casa, já tinha a casa, mas ai tem o carro e

tem o emprego e comprou outras coisas né? Investiu em capital, tem a casa lá no Vera Cruz II (Goiânia) e na Cidade Vera Cruz (Aparecida de Goiânia) que é do marido dela, compraram um rancho lá, sempre com o dinheiro dela e do marido, comprou outro terreno, outra casa. Foi se fazendo, comprando, pra gerar lucro e futuramente, pra quando aposentar né, na hora de doença ter um dinheiro. Ahh, uma dessas meninas que fez, eu esqueci o nome dela foi vender calcinha e sutiã. Foi bem naquela época que fazia lingerie. Ela pois uma lojinha na 24 de outubro, tá lá até hoje, a lojinha de calcinha e sutiã, então num parou. Teve um outro grupo que foi mexer com negócio de computadores, montou uma empresa de computador, trabalham com computador. Teve outra que foi pra essa área de confecção, depois nós deu um curso de sandalhinha, de costura, quando abriu a feira da estação, aquela lá em frente da rodoviária, perto da câmara municipal, aqui de Goiânia. Tem um grupo de mulheres que é daqui também, que é a Dailir [Dailir Rodrigues da Silva] a Maria do Carmo [Maria Silva do Carmo]. Elas falam assim "é duro virar microempresário porque agora não tem nem tempo mais de participar" [da Dandara], porque elas tem um ponto lá na feira da estação e elas vende roupa, costura põe as roupas lá e vende, é delas enquanto grupo, enquanto microempresária, num é da Dandara, mas saiu daqui e foi pra lá. Tem um grupo, que foi pra Palmas, que aprendeu a fazer sandalhinha. E tem outro grupo que vendia sandalhinha, montou sua própria fabriqueta e vende nas feiras por ai, várias feiras daqui de Goiânia, essas sandalhinhas rasteirinhas. Foi assim, tem umas que foi fazer cartão, vender cartão. Outras foram fazer salgadinho, docinho, desses de festinha. Outras fazem aqueles frango desfiado, que aprendeu em 2004, que até hoje, vai vender em apartamento, faz em casa e ganha seu dinheiro, sempre assim, botando essas mulheres no mundo do empreendedorismo. Lá no quilombo, também a gente ensinou as mulheres a fazer licor, a fazer doce, geleias, pra elas aproveitarem o produto do cerrado. E elas tão vendendo. Tem umas que vendem na feira de Alto Paraíso - GO, aquelas marmelada-cachorro que ninguém da nada por aquilo lá no mato. Então a gente trabalha o cerrado em pé, a gente fala assim: "ó, são muitas marmeladas, é claro que não precisa colher todas, tem que deixar para os passarinhos, pra vocês comerem, pra nascer outras né?" É possível cuidar e fazer né, a geleia de marmelada, outras marmeladas, geleia de outras frutas da roça e elas estão fazendo, licor e tudo mais. Plantando horta, vendendo, nesse negócio hoje o governo compra dos pequenos agricultor. Organizaram e tão vendendo assim, viraram microempresárias. Eu coloquei uma consultoria que vai trabalhar a questão racial. Quando eu posso, eu pego né? Eu dou consultoria em prefeitura e coisas assim. Quem precisar nessa área, eu vou e ajudo. Já dei em

Minaçu - GO, aqui em Goiânia também. Agora, nós estamos com este trabalho ai da Dandara, e eu estou ajudando a coordenar. É assim, num para não.

Entrevistadora: Maria da Glória Gohn diz que os movimentos sociais destinados à mulher, ao negro, ao índio só vieram após 1980 com os ditos "Novos Movimentos Sociais". Sobre sua experiência histórica, o que tens a descrever sobre as pautas dos movimentos em referência as lutas mulheres, do negro, entre outras.

Marta Cezaria: Na verdade, quando a gente fala muito do (pausa na gravação para cuidar, alimentar sua mãe Dona Conceição). Eu acho que o movimento social na verdade, pra mim, quando se fala das mulheres negras e das mulheres, tem gente que fala que o Movimento de Mulheres surgiu junto com o feminismo. Eu acho que nós negras já éramos feminista lá atrás. Porque quando as mulheres feministas descobriram que tinha que ir pro campo do trabalho, as mulheres negras já estavam muito tempo nas cozinhas das mulheres brancas. E elas sabiam defender muito bem, tanto é que quando as mulheres brancas descobrem fazer aborto, as mulheres negras já faziam, elas já tinham as táticas pra fazer o aborto. Então, porque elas já eram feminista então. Porque elas abortavam pros filhos num nascerem [escravizados], pra num sofrer. Então era uma forma de evitar o sofrimento, de ver um filho sofrendo. E elas não tinham métodos pra evitar, então era a fórmula melhor, isso era um movimento. [...] As mulheres negras a gente vê, elas vem se defendendo a muitos anos, e o movimento negro também. Quando se fala dos movimentos sociais no Brasil, a gente percebe que um dos maiores movimentos parte justamente dessa revolta dos negros né? Quando trabalhavam nessas fazendas. E ali elas acolhem brancos, negros e índios, né? Que é os quilombos que se formaram. Ai vem os movimento de búzios, vem a revolta dos búzios, vem a chibata, ai tantas outras que a gente vai vê que o movimento negro já se organizava, e hoje a gente vê falar do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), dos sem-terra, do não sei o quê, e esses outros movimentos ficaram apagados. Movimento negro, até os de mulheres. Hoje a gente vê falar mais das mulheres camponesas, do que no movimento feminista de mulheres. E qual é o mais forte? Eu não sei qual é o mais forte porque as mulheres negras estão nos dois; as mulheres feministas estão nos dois. Eu acho que um fortalece o outro, você vai pra CUT [Central Única dos Trabalhadores] lá tem mulheres feministas. Agora os movimentos sociais, tem mais dificuldade de serem financiados, de serem sustentados, porque a maioria dos movimentos sociais são de pessoas pobres, enquanto que os movimentos sindicais as pessoas já tem um cargo, um salário... Então, esse grupo que é feminista, que é sindicalista, ganha

vantagem em relação ao outro. E é aí que está a diferença entre as mulheres camponesas e as mulheres negras, as mulheres feministas...

Entrevistadora: Depois dessas lutas todas da DANDARA, ainda há muita coisa para conquistar, ainda há muitos motivos para a existência desse grupo?

Mara Cezaria: Sabe uma coisa, tem dia que a gente fala "ahhh... eu já cumpri minha missão, eu já fiz minha parte, agora quem tá chegando é que vai fazer a dela". Você descobre que tem sempre gente nova chegando, né? É tão desafiante. Aquela menina hoje, que veio, aquela que tava com a calça amarrada amarelo, é a primeira vez que ela vem na Dandara. Enquanto Dandara, é a primeira vez que ela vem na sede. Ela conheceu a Dandara lá do [município de Senador Canedo], dos eventos, de participar das reuniões, de andar com a Lúcia [Lucilene Vitória Rodrigues]. Mas ela é de outro município, né? Então, não tem tempo, nem tem as condições de vir até aqui. Isto é um desafio, a gente tem enquanto mulher negra, que as nossas próprias mulheres, muitas das vezes, elas num vem na sede da ONG, não porque não querem, é porque não tem um passe [de ônibus], né? a Verinha, quantas vezes ela não vem aqui na sede? Porque ela não tem um passe de ônibus. Ai a gente fala "vem, aí a gente dá o passe". A Nayara [Nayara da Conceição Santos], a Naiane [Naiane da Conceição Santos], essa menina, aquela Nayara que te recebeu aqui quando você [Maria Elisa, a entrevistadora] veio, agora ela tá trabalhando, porque esse é o nosso foco né? A gente quer ela aqui né? Mas na mesa hora a gente quer ela trabalhando e tendo o dinheiro dela. Então, ela agora não veio aqui porque ela tá trabalhando. Agora só tem o domingo, as noites e o domingo. E nem pode vir agora né? Quem veio foi a irmã dela. Também quando ela vinha, muitas das vezes não tinha o passe. Ela não tinha o trabalho. Ai, toda vez que ela ia vinha aqui, ela tinha que pedir dinheiro pro marido "me dá um dinheiro pra eu ir lá na Dandara?". Não dá, a pessoa num tem essa liberdade né? Então, a primeira coisa é empoderar essa mulher pra ela poder ter o próprio dinheiro, ter a capacidade de pegar seu carro ou pegar o ônibus e vir, ou pegar um táxi e vir. Ela tem que ser empoderada pra isso. E a gente procura fazer isso com essas mulheres. E esse desafio é constante. Você viu aquela (Janira Bueno da Silva) que está com a barriga desse tamanho? Por mais longe que aquela menina mora, ela vem. Desde de quando a barriga começou a crescer, ela tá aqui dentro né? Porque ela descobriu [a DANDARA] lá no coletivo das mulheres, lá na COMURG. Logo ela quis ser Dandara, veio pra cá. E se você falar assim "vem fazer almoço ela vem ajudar aqui?". Ela está disponível. Ai o dia em que a Anadir foi levar ela na casa dela, a Anadir falou "Marta do céu, é longe, ela mora longe!". Porque a Anadir mora longe, mais ela mora mais

longe e num lugar bem simples. Ai, cada uma dessas meninas que a gente trabalha, a gente fala "poxa, num sabe como que ajuda mais", porque é uma dificuldade, é uma que tem o filho drogado, outra tem o marido, é não é um dia, nem dois que vai mudar isso. É dez anos, quinze anos, vinte. Teve uma menina aqui que ela ficou dez anos sofrendo com esse marido. Ela veio largar ele [tem] dois, depois de dez anos de sofrimento. E era do grupo desde o início, mas você ia fazer o quê? Ia falar pra ela mandar seu marido embora? Não podemos fazer isso. A outra fala assim "nossa quando eu passo o dia aqui eu volto pra casa com uma paz, eu venho aqui é um descanso" (risos).

Entrevistadora: É gratificante né?

Marta Cezaria: Então, "não, vale a pena ter a Dandara?", agora que é difícil de manter, é porque é um trabalhinho que você tem. Tem o aluguel, se aqui é uma ONG, você não pode ficar fechado. Se você fica fechado, você recebe multa, entendeu? Você recebe multa ainda. Porque uma ONG, pra ela estar ativa não pode ficar sem estar trabalhando. Tem que ficar trabalhando constantemente. (Pausa para olhar a Dana Conceição e o Euzebio que estava dando o lanche da tarde a ela).

Entrevistadora: Quando vocês vão organizar aqui as ações da Dandara, as ações de palestras, oficinas, articulação, como vocês estruturam as pautas, as temáticas? Por exemplo, vocês partem de uma situação, problema presente no dia-a-dia ou particular de alguém?

Marta Cezaria: Não. Depende. Por exemplo, no momento, estamos partindo sempre desse empoderamento das meninas né? Agora queremos trabalhar muito mais a formação pessoal, que a pessoa possa se sentir bonita, se sentir bem e ter a capacidade. Aquilo que eu falei hoje. Às vezes, a pessoa é até mesmo da coordenação e ela nem lembra que ela é, porque tá tão natural, tão assim, às vezes, as pessoas ligam aqui, ahh eu quero falar com a Marta, com a coordenadora, presidente. Não. Eu falo pra falar com a coordenadora geral, que é a Deuzília. Se você quiser falar com uma das coordenadoras é a Ariandeny Furtado, é a Vera, é a Letícia né? Elas que são o conselho diretor da ONG né? Não somos nós, né? A ONG tem um conselho diretor. Agora existe aqui dentro pessoas que contribuem, que assessoram, que dá suporte né? Que é, no caso, eu, a Fábria [Fábria Cristiani Marçal Albino], que é a Anadir, que dá suporte porque somos da fundação da ONG. Então a gente dá suporte, mas a coordenação agora é uma turma jovem; uma turma diferenciada. Inclusive, tem uma quilombola no grupo, uma jovem que fez 21 anos; a Ariandeny fez trinta agora. Então, é um grupo jovem; só tem a Verinha mais velha e a Deuzília, mas as meninas são jovens na coordenação. É uma experiência nova pra elas, porque ainda não

conseguiram toma pé das coisas que é da ONG; o tamanho que é a Dandara, né? As pessoas começam a descobrir e ficam sem saber o tamanho que nós somos. Então, neste momento, estamos procurando fazer isso; resgatar, escrever um pouco: quem é a Dandara né? Pra quê queremos continuar sendo Dandara? É necessário continuar sendo Dandara? A gente percebe que diante da violência que acontece com as mulheres todos os dias, é importante continuar tendo a Dandara. Mesmo pra nós, sendo Dandara, essa violência acontece, por mais que a gente trabalha todos os dias combatendo a violência. Muitas vezes as próprias Dandara são violentadas; ou em casa, no trabalho, ou na forma, no próprio jeito da sociedade estar organizada né? As pessoas são violentadas; uma porque tem a pele mais clara, outra porque tem a pele mais escura, outra porque é mais gorda, outra que é mais... A violência psicológica é cruel com a mulher negra. Então, a gente tem que ter sempre uma injeção de ânimo pra poder continuar caminhando. Essa injeção de ânimo, a gente percebe que é possível fazer isso na Dandara, né? Num é fácil, mais é o foco, estar sempre gerando autoestima nessas pessoas. Tem momento que vai lá no chão, e tem hora que a gente está aqui, como diz Janira Sodré "tem que tá forte, bonita, poderosa pra ajudar a outra também ficar mais poderosa". É assim mesmo. Estamos aqui sofrendo, com dor, mas a gente está acolhendo a outra que está precisando. Fazer essa experiência do diferente não é fácil.

Entrevistadora: Como é para a senhora ser reconhecida como uma liderança, uma protagonista, do Grupo Dandara e do Movimento de Mulheres Negras?

Marta Cezaria: Pra mim?

Entrevistadora: É.

Marta Cezaria: Uai, eu acho que é [sou] uma mulher ativista que doei a vida inteira para o movimento e continuo doando né? Independente que [se] é pra Dandara ou se é para outro movimento né? A minha vida foi sempre doação. E esta doação com resistência, sempre resistindo, é um desafio essa liderança.

Entrevistadora: Qual foi um dos principais motivos que levou a senhora em ter interesse em se organizar com outras mulheres?

Marta Cezaria: Foi quando eu estudava porque quando eu estudava na escola, todo dia, quase todo dia, minha mãe tinha que ir buscar minha carteira na escola; porque os meninos mexiam com a gente, cutucava atrás, ou olhava pra trás pra colar, e ai você falava com a pessoa... e o professor só olhava pra você e falava assim "Marta, vai embora". Invés de mandar quem tava fazendo

confusão, mandava eu embora. Sabe? E ai, muito nova, já na 6ª série, um dia eu virei pro professor e falei "eu num vou embora mais não, se me mandar embora mais uma vez, eu num volto mais nessa escola, porque minha mãe trabalha e não tem tempo de vim aqui na escola todo dia busca essa carteirinha não, se ela tiver que vir buscar de novo, num vou volto na escola mais". Ai o dia que ela veio eu fui lá com o professor e falei "é a última vez que minha mãe vai vir aqui, porque quem faz a bagunça não sou eu, quem faz a bagunça "cê" sabe muito bem quem é, que senta na frente ou atrás, quem tá colando, e vocês manda eu [embora]. Então manda eles, porque os pais deles tem tempo de vir buscar, porque é filho de... num é filho de pobre né?" Eu estudava de dia porque [...] tinha que cuidar de menino à noite, então eu estudava a tarde ou de manhã. Fui estudar de noite já da 8ª série pra frente. Era de tarde que menina tinha que estudar porque eu não queria parar de estudar, mas tinha que olhar menino, a mulher queria que eu olhasse a noite então eu estudava de tarde. Nem podia estudar de noite. Ai eu era mandada embora. Os professores Mariano e o Zé Maria, um era diretor e o outro era professor de espanhol falaram "Marta, realmente, eu vejo que você é uma menina muito diferente dos outros, porque, você fica defendendo sua mãe até pra buscar sua carteirinha, mas eu defendia mesmo, ela num tinha tempo pra nada e ainda tinha que sair do trabalho dela, às vezes com aquele barrigão e ir lá buscar minha carteirinha, porque alguém fez bagunça". Então, dali eu já cresci assim. Tanto é que quando eu decidi vir pra vida religiosa, eu já [tinha] esse foco, né? Do olhar diferente. Eu não suportava injustiça. Eu acho que as pessoas tinham que erguer a cabeça, querer estudar, querer lutar, pra parar de ser pisado, né? Deixar de ser maltratado. Porque, quando uma pessoa se empodera, ela nem fica se sentindo por baixo, num é qualquer coisa que te deita. Faz você ficar calada. Você tem argumento pra lutar.

Entrevistadora: Qual foi a primeira organização social que a senhora participou?

Marta Cezaria: Foi a das irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Logo que eu entrei elas já estavam organizando. Eu entrei em 82. Em 84, elas já estavam fazendo os primeiros encontros das irmãs negras. Então teve o encontro de Brumadinho, em 1986. Eu nem fui, porque fazia pouco tempo que eu tinha chegado. Eu tinha viajado muito pra chegar na congregação. Eu era uma menina participativa. Eu viajei muito. Falava assim, "eu quero pisar no chão", (risos) porque tinha gente que queria ficar viajando e eu queria pisar no chão né? Então eu falava para as meninas "eu não quero viajar agora não, eu quero pisar no chão". Eu queria conviver com as pessoas, onde eu estava morando e tal. Eu tinha mudado para Pontezinha, tinha pouco tempo, então eu queria ficar

por lá um tempo. Lá eu comecei a organizar os pequenos produtores, logo de cara eu organizei um monte de agricultores. E logo já era 500 organizados. Porque as pessoas pensava que eu morei sempre na cidade, assim depois de grande, que eu não ia dar conta de trabalhar com pessoas da roça, quando eu entrei na congregação. Eu morava aqui na Cidade Livre, em [Aparecida] de Goiânia, e fui morar lá em Pontezinha, que era zona rural. Eu cheguei lá e fui trabalhar com os agricultores, eu ia pra roça, reunia com eles, trazia eles pra cidade; eu reunia eles em alguma outra fazenda, que são pequenos produtores né? depois trouxe eles para os encontros da Pastoral da Terra. Ai foi [época] do movimento de CEBs¹⁴ (Comunidade Eclesiais de Base). Fundei um grupo de jovens e adolescentes, as crianças que fez a primeira eucaristia e tava se preparando para crisma, sempre onde eu tava, tava organizando. Depois vim morar na Cidade Livre. Também organizei professores, fizemos greve, levamos ele pra greve, organizamos a escola. Depois foi os grupos mesmos das pastorais. Eu fui trabalhar com a CPT¹⁵ (Comissão Pastoral da Terra), fui trabalhar com as CEBs e depois com a Pastoral do Negro, e lá eu fortaleci o grupo das mulheres; ai começou as mulheres negras. Organização e Fortalecimento Institucional de Entidades Negras em Goiás iniciaram em 1993 no Quilombo Missionário MJC no Bairro Aphaville em Goiânia. Fortaleceu em 1995 com a Marcha do 300 anos de Zumbi, 1999 surge o Grupo de Mulheres Malunga, a ADAO-GO, A CACUNE, o fortalecimento do FENEGO, participação no Controle Social, em 2002 surge o Grupo Dandara no Cerrado e em 2011 esse grupo é selecionado em 2 Editais: Um do Fundo Brasil de Direitos Humanos e um da SEPPIR – Novembro Negro, surgindo aí a Rede de Mulheres Negras do Centro Oeste. Portanto queremos falar destas experiências que ao longo dos anos venho construindo coletivamente com mulheres negras em Goiás.

Entrevistadora: Então, a experiência, a vivência da senhora na igreja foi com o Movimento Social, foi através do Movimento Social? E na política?

Marta Cezaria: Totalmente. Na política também porque, na verdade, por ser uma menina, eu participei, eu ajudei dez anos de um curso de verão, eu fiz curso de verão em São Paulo e Goiânia. Que é um curso de verão que é ecumênico, com várias igrejas. Ele dá uma dimensão assim, muito grande pra você; nessa mobilização, na organização social mesmo. E eu participei dez anos da liturgia do curso de verão. Ai quando o curso de verão começou a mudar, a querer retroagir, a

¹⁴ Ver mais sobre: <http://www.vidapastoral.com.br/artigos/ecclesiologia/a-identidade-das-cebs/>. Acessado em: 17/07/2016.

¹⁵ Ler sobre: <http://www.cptnacional.org.br/index.php/sobre-nos/historico>. Acessado em: 17/07/2016.

igreja foi fechando, eu deixei o curso de verão. Eu já estava organizando os grupos sociais, que era as mulheres negras, né? Participando mais do grupo feminista. E aí eu preferi dedicar mais só à questão racial e da mulher. Eu não quis mais ficar indo em muitos movimentos não; eu dediquei mais [participando] só mesmo do movimento de mulheres e movimento feminista. Fui Conselheira do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial 2008 a 2012. Atualmente conjugo minha vida consagrada como Missionária de Jesus Crucificado atuando no Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado, na Coordenação Executiva do Fórum Nacional de Mulheres Negras 2004 a 2012, na Articulação de Mulheres Brasileiras/Regional Centro Oeste, na Coordenação Nacional de Entidades Negras/Goiás, no Fórum Goiano de Mulheres, da Rede de Atenção a Mulheres, Criança e Adolescente em situação de Violência e no Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas do Estado de Goiás.

Ao longo de toda caminhada tenho acolhido as demandas e necessidades da sociedade civil organizada, sempre trazendo para as Assembleias, encontros, reuniões os anseios da população negra. Sou uma mulher negra, guerreira, feminista, Freira da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, assumi a missão junto aos negros, mulheres, jovens e venho fazendo a defesa incansável na organização dos grupos negros, de mulheres, quilombolas e na área da educação. Em minha missão sempre priorizei o trabalho de gênero, raça/etnia.

Fui Candidata a Deputada Estadual em 2010. A participação popular sempre foi o modelo político que valorizo, sei trabalhar em equipe, por isso tenho a marca do coletivo, do grupo, da base. Seriedade e competência são as marcas que tenho como meta para chegar ao controle social com eficiência. Tenho mais de 30 anos de militância política no Estado de Goiás, atuando sempre junto com as comunidades mais carentes por terra, moradia, geração de trabalho e renda para combater a violência doméstica, direitos sexuais reprodutivos, saúde, especialmente da população negra, educação, moradia, combate a discriminação racial. Luto a vida inteira por uma sociedade que saiba respeitar a pluralidade, que valorize e garanta os direitos de todas as pessoas sobretudo: as religiões de matriz africana, ciganos, mulheres, negros/as, pessoas com deficiência, comunidade LGBTQI+, idosos, crianças, adolescentes e jovens.

Acredito que a política deve ser feita em favor da sociedade como um todo, possibilitando oportunidades, sobretudo aos que mais precisam, à parcela mais pobre da sociedade. Por isso sempre dediquei minha vida para gerar oportunidades a mulheres e homens que delas precisavam. Sou uma mulher experimentada e moldada para a luta política, pois venho

preparando e acumulando reflexão e experiência política há décadas. Sei que esse sonho não é um projeto político pessoal, mas de todas as pessoas que querem uma nova forma de fazer política: participativa, séria e comprometida com o povo.

Como mulher e negra, me orgulho das minhas origens e características. E ao defender a plataforma dos direitos humanos das mulheres, da população negra, creio que ando pelo caminho certo por uma política de desenvolvimento sustentável com justiça social e segurança alimentar, empoderamento das mulheres, das mulheres negras e as associações quilombolas. Compreendo como consequência o meu caminho político natural de uma mulher que dedica a vida às causas boas, sérias e justas. Minha trajetória pessoal e política e por ser uma mulher vitoriosa, posso ser sintetizada em uma única palavra: *RESISTÊNCIA*

Entrevistadora: A senhora nasceu aonde?

Marta Cezaria: Eu nasci em Caçu, Goiás, em 04 de fevereiro de 1956, vou fazer 60 anos ano que vem.

Entrevistadora: Eu queria que a senhora falasse sobre a composição de sua família?

Marta Cezaria: Na verdade, do lado da minha mãe, [são] todos pretos. Conheci em 1978 minha Avó materna e seus filhos. Minha mãe, você já viu, é bem, igual a nós. Do lado do meu pai, já vem mais misturado, branco né? Meu pai, a família dele é mais branca, indígena e misturado com português. Italiano, português um pouco desses lados aí. Mas também tem pessoas assim - eu conheci em 1980 alguns parentes do lado dele, num tem pessoas negra, negrinha igual nós -, mas tem pessoas que provavelmente são indígenas, pelos cabelos, pela cor bem escura, mas indígena, né? A gente percebe assim essa mistura.

Mamãe teve doze filhos, 5 mulheres e 1 homem vivos. Os outros teve 4 abortos espontâneos e 2 meninas morreram uma com 2 anos e a outra com 12 dias. Ela sempre preocupada com a nossa alimentação, pescava no rio para vender os peixes na cidade para comprar sal, açúcar e algumas coisas que não tinha na fazenda. Roupas e sapatos eram uma vez no ano. Uma vez mamãe grávida da Maria, me levou até o rio onde tinha um chiqueiro de ceva de peixes e eu entrei para apanhar os peixes. O rio estava muito cheio, a água passava por cima do cercado. Quando eu entrei um papaterra se assustou, e era grande, me jogou pro fundo e eu afoguei, mas consegui sair sem peixe nenhum. Mamãe agradeceu a Deus por eu estar viva. Depois mudou para a cidade e foi ser

lavadeira de roupa a qual ela aposentou pois lavou muitos anos num hospital da cidade e o médico aposentou ela quando ficou doente.

Nestas idas e vindas ao rio passávamos por uma pinguela numa lagoa onde tinha muita sucuri, pois quando mamãe lava roupa e ela batia as roupas lá no fundo de casa a sucuri respondia longe. Sempre tomávamos banhos, caíamos na lagoa, mas neste dia eu ia à frente quando ouvi mamãe gritar valha-me Deus, corre Marta vá até o rio e chama seu pai para vir matar a sucuri. Eu corri tanto que fiquei sem fala. Ao chegar lá papai havia pegado um cágado no anzol e disse segura então aqui pra mim. Eu olhei e disse nunca. Papai enrolou o anzol na gameleira, saiu correndo e eu atrás dele, mas quando chegamos lá a sucuri já havia ido embora. Mamãe disse que a sucuri não me comeu foi porque era filhote e errou o bote, mas passou muito perto de ela me alcançar. Neste dia íamos levar mandioca para colocar na ceva para os peixes.

A vida na roça foi muito sofrida, mas tínhamos momentos de alegria, pois comia muitas frutas como gabirola, murici, goiaba, manga, gravatá, goiabinha do campo, coco de macaúba, bacuri e guariroba. Brincava com os coleguinhos, corria pelos pastos e fazia muita algazarra.

Entrevistadora: E sobre a escolha do nome Dandara?

Marta Cezaria: Ahh, na verdade eu escolhi o nome da Malunga né? que era companheira [de Zumbi]. Dandara era guerreira. Ai então eu falei, primeiro eu escolhi uma companheira, agora vou escolher uma guerreira. Então, como Dandara era uma quilombola, uma a guerreira, então eu achei que o nome cabia nessas mulheres guerreiras. E ficou Dandara. Na hora que eu pensei, eu já pensei na Dandara, uma mulher guerreira, uma mulher quilombola e quilombo é um lugar que acolhe pessoas e então tinha toda essa versão de ser uma mulher Dandara, né? Mas o pessoal fala assim, "mas Dandara é mulher de Zumbi", eu falo "olha, eu num sei se Dandara era mulher de Zumbi não, se foi também, pra mim não vai fazer diferença". Porque na verdade ela era mulher de Ganga zumba, tio do Zumbi né? Na verdade ela devia ser uma mãe de santo porque quando Zumbi volta - no filme mostra Dandara; nos filmes que eu já assisti - quando o Zumbi tá descendo a serra, quem acolhe ele no quilombo é a Dandara; e ela está toda de branco, provavelmente ela é uma mãe de santo. Então eu falo que ainda não se descobriu realmente a história da Dandara porque a história da Dandara e das mulheres é difícil de ser contada. Ela é difícil de ser revelada. E para quem escreve, principalmente para os homens que escreve sobre a mulher, é muito mais fácil falar que Dandara era esposa de Zumbi. O dia que eu vi que a Palmares publicou um livro dizendo isso, eu queria saber de onde ele achou esse negócio, porque eu vi o filme uma vez e eu deduzi

que ela num é, ela não pode ser duas coisas. Ela pode até ser, porque naquela época, quanto mais mulher se tinha, pra gerar mais filhos, isso era uma questão de África. Mas mesmo assim eu ainda não acredito nessa história, porque eu acredito nessa mulher que era uma guerreira, que é uma batalhadora, que é, quando o Zumbi desce aquela serra e ela acolhe o Zumbi e passa o cargo pra ele. Então ela é uma líder quilombola. Como o Zumbi foi um líder quilombola, ela passa o comando pra ele quando ele chega né? E ai num quer dizer que ele era a mulher porque você passou o comando... e isso é a Dandara no Cerrado que *ao longo de nossa história trabalha com grupo mulheres, de jovens adolescentes para o resgate da auto estima e fortalecimento educacional; oficinas de auto estima com mulheres negras, adolescentes, jovens e crianças com oficinas de tranças e penteados, maquiagem para debater temas transversais e a cultura afro brasileira; oficinas de comidas típicas para debater a Lei 10.639/03 com professores e a comunidade; palestras, encontros, conferencias para debater as questões de empreendedorismo étnico cultural. Regaste de danças afro do povo brasileiro, da capoeira, da história do samba, religiosidade, apoio ao desenvolvimento sustentável com comunidades quilombolas e muito mais.*



*Submissão: 18 de agosto de 2016
Avaliações concluídas: 24 de fevereiro de 2017
Aprovação: 31 de março de 2017*

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

SANTOS, Maria Elisa Magalhães, CARVALHO, Euzebio Fernandes. Marta Cezaria De Oliveira E A Organização Do Movimento De Mulheres Negras Em Goiânia. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 17, N. 01, p. 368-400 de 415, jan./jun., 2017. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >